

«O livro [...] faz a circum-navegação de um tempo sem igual na nossa História.»

Fui Soldado e Morri é um livro com História e com histórias, de um tempo recente. Um romance que se saboreia, que cheira a terra e a mato, ao fogo das armas e do ódio que faz arder, ao medo e ao sonho, que o leitor percorre como se o levassem a viajar entre África e Portugal, a sentir um regime que muito domínio tinha, mas não chegava ao fundo de cada um. Aqui se escuta a morte, o terror das vozes e esperança de salvação. Há um tempo português em África. Este livro leva-nos lá.

Paulo Sande fala aqui deste romance, publicado pela Gradiva em Junho de 2020.

O que o inspirou a escrever um livro sobre o período da Guerra Colonial?

Há tão poucos livros sobre a guerra colonial! E há ainda menos sobre a vida nas colónias, então províncias ultramarinas, futuros países independentes, no período em que decorreu a guerra. Entre 1961 – na verdade entre meados dos anos 50 – e 1975, esses territórios, que Salazar queria parte inseparável do todo nacional, eram (na verdade foram, mas o livro recusa esse tempo verbal) a pátria de milhões de portugueses. Alguns sentiam-se seus nativos, não lhes passava pela cabeça irem-se embora, angolanos, moçambicanos, cabo-verdianos que eram – que se sentiam (outros disseram-lhes que não eram, mas essa história também lá está). Angolanistas. Como é que sei? Conheci-os. Esta é uma história de pessoas com vida dentro, chamam-lhes colonos como se não fossem gente mas um arquétipo (e cru), como pessoas são os oficiais, sargentos, soldados, do quadro ou milicianos, que passaram parte da sua vida, alguns substancial, a frequentar as messes do Império, a percorrer as picadas de África, a palmilhar searas de capim e mares de floresta virgem. E há tão poucos livros, sobretudo romances, sobre esses tempos: de um tempo de chumbo e de cheiro a caju,

sisal e liberdade! Lídia Jorge, Lobo Antunes, pouco mais. África, sobretudo, mas também Macau, um pouquinho de Timor, tal como o Brasil de antigo, moldaram a cinzel fino a identidade portuguesa. Como não escrever sobre isso?

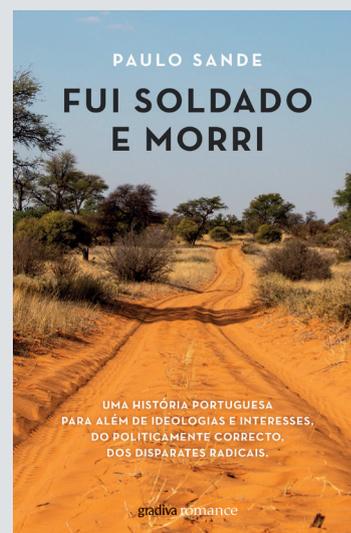
A personagem central é um militar português, mas este livro ultrapassa a guerra em si. Tinha a preocupação de fornecer vários «ângulos» de leitura?

O livro, parece-me, é sobretudo redondo, mais do que ângulos faz a circum-navegação de um tempo sem igual na nossa História. A guerra é afinal mais um personagem. O militar em questão, um pouco à imagem do Ulrich de Musil, é alguém que, sem saber, busca um sentido para a questão da existência, moldado, na sua identidade e carácter, pelos acontecimentos, que segue de forma passiva. Mas ao contrário de Ulrich, Leto descobre dentro de si – quase a fechar-se o círculo – uma humanidade real, actuante, efectiva, um sentido para tudo isto, e isto é o centro de tudo. O livro é guerra, mas pouco, é amizade, mas pouco, é amor, mas enganador, é a PIDE e a caça aos pretos, a UPA e a caça aos brancos, o livro são as messes militares onde se jogava *bridge* e se bebia *whiskies* antes e depois de jantar, é a África profunda dos dialectos, das feras à solta, das *minkisi*, mas o livro é também as lojas de Lisboa, as tias velhas no sopé do elevador, as ruas festivas do primeiro de Maio; enfim, o livro é a lusitanidade na essência do que significa ser português. E, sinceramente, não me parece necessário tornar complicado o que é simples, ainda que, espero – fiz por isso, evitando a um tempo a armadilha da literatice barata que produzem ao quintal os escritores «de nicho» –, complexo q.b. para permitir mergulhar (e não apenas chapinhar) na índole, na psique, na razão de ser das relações humanas

desse tempo nosso, extraordinário. Leto é a súpula e é a síntese, mas é também a análise, sem ângulos porque redondo, desse extraordinário, nosso, tempo. Viveu, amou, matou, desgostou e depois morreu. Ou não. O livro foi um sonho que eu tive e que dura há quarenta anos.

Se tivesse de destacar algum aspecto fundamental ou distintivo da obra, qual destacaria?

A premonição. Redonda, como o resto. Há um momento «*quo vadis*», um momento Estrada de Damasco, em que a prosseguida busca de sentido ganha sentido – gaivotas em formação, onde é que já se viu? – e parece-me que a partir desse momento a história e a dúvida nunca respondida do oficial do exército português (nem formulada, digasse de passagem) é respondida. A dúvida. Premonição, perplexidade, sentido. Uma busca não empreendida que termina numa resposta não formulada. E fecha o círculo, como referi, fechando-se como resposta a outra premonição anterior. Muito anterior, mesmo. Um aspecto fundamental do livro? Um bando de gaivotas cheias de metafísica.



416 pp., 17,50€, Junho 2020

Visite o site www.gradiva.pt Oportunidades fantásticas!